

O pretexto das observações seguintes será a obra epigrafada. O seu propósito será o de fornecer uma breve introdução para o pensamento ferreiriano. É um pensamento truncado pela morte. O seu autor (1916-1963) nunca o formulou sistematicamente. Acha-se espalhado por numerosos ensaios e artigos, alguns dos quais foram reunidos no presente volume. Um segundo volume completará a colheita. A influência poderosa que o autor exerce sobre a filosofia brasileira não se esgota nesses artigos. A importância ainda maior são as exposições de viva voz que resultaram de discussões por vezes violentas. Urge captarmos essa mensagem, antes que o fluir impiedoso do tempo a dilua.

O presente volume enquadra, um pouco artificialmente, os trabalhos dispersos em seis compartimentos. Os capítulos II, III, IV e V (respectivamente "Exegese da ação", "Dialética das consciências", "Idéias para um novo conceito do homem", e "Teologia e antihumanismo") são trabalhos um pouco mais extensos e seus títulos são mentidos. O capítulo I, ("Ensaio filosófico"), é uma coletânea de onze pequenos trabalhos aparentemente heterogêneos e publicados em épocas diferentes. O capítulo VI, ("Filosofia da mitologia e da religião") reúne quinze ensaios de temática aparentemente mais homogênea, que o título sugere. Mas tanta a diversidade dos temas no primeiro capítulo, quanta a sua unicidade no último, mascaram a estrutura deste pensamento. É disperso pela sua riqueza de interesses, mas tende para uma visão abarcadora, infelizmente nunca articulada. Resolvi portanto ignorar as tentativas de esquematização empreendidas pelos editores, (por mais louváveis que sejam), e esboçar rapidamente a visão total, tal como transparece no livro presente, tal como se materializará mais completamente no segundo volume a ser publicado em breve, e tal como ela se conserva na minha mente como resíduo de inúmeras discussões e repetidos choques.

Iniciarei pela teoria de conhecimento. "Amor" e "ódio" são os termos que caracterizam esta teoria. O amor é o clima no qual se dá o reconhecimento. O ódio é o clima do conhecimento no significado ocidental do termo. O amor admite o crescimento e o poder do outro que ama. Exclui o conhecimento. O ódio procura sufocar o outro que odeia. O ódio restringe o outro ao transformá-lo em objeto de conhecimento. O ódio geral ao mundo transforma a circunstância humana em conjunto de objetos conhecíveis. O ódio é determinante. Oprime o objeto ao se fixá-lo em lugar determinado. O mundo de objetos determinados pelo ódio é conhecível. O método desse conhecimento é a lógica, que é um movimento do ódio contra o mundo. Permite que o mundo seja aniquilado. O conhecimento é a preparação para o aniquilamento do mundo.

O mundo conhecido pode ser aniquilado pela transformação de objetos em instrumentos. Instrumento é objeto manipulado, isto é violado. A transformação progressiva de objetos conhecidos em instrumentos servís é a aniquilação da natureza odiada. É o que se chama de "humanização da natureza". O estágio atual desse progresso, a substituição rápida da natureza pelo parque industrial e de recreio, permite prever a realização total do ódio para breve.

A história do Ocidente é a história da realização progressiva deste "projeto". Sua fonte é o mito da transcendência, isto é o mito do sujeito oposto ao

objetos. Brota das revelações bíblicas e dos mistério órficos, no qual é desvendado um aspecto do mundo, ("Weltaspekt") odioso. O mundo é um anti_valor, é "sacrificável". A meta do homem, o seu projeto, é ultrapassar o mundo. O "salvável" é a alma, isto é o sujeito do conhecimento. O mito identifica o homem com a alma, é "sujeitiforme". "Em consequência não somos corpo, mas temos corpo. Este corpo, sendo objeto, é sacrificável. Faz parte do mundo que odiamos e rejeitamos. Atualmente está se aproximando o projeto desfechado por este mito de sua realização derradeira. A "humanização" do mundo pela tecnologia será o conhecimento perfeito, isto é a total aniquilação dos objetos, (inclusive do corpo), pela sua transformação em instrumentos. A alma se terá objetivado. Tudo será alma, a saber: sociedade perfeita. Tudo será perfeita contemplação de instrumentos automáticos, portanto o céu na Terra. Assim terá sido esgotado o mito da transcendência pela realização da era messiânica, (estando o Messias encarnado na tecnologia), e a história do Ocidente terá sido encerrada.

O mito cristão, (confluência do mito bíblico e órfico), é uma revelação negativa. Os valores do mundo, (os "deuses"), são negados. Com o cristianismo começa a retirada dos deuses do mundo. Nessa maré baixa dos deuses em retirada é revelado o fundo lamacento do mundo, a saber: o mundo objetivo. É neste sentido negativo que o cristianismo é uma revelação do mundo. O mundo esvaziado da presença dos deuses é des-sacralizado, é um mundo profano. Doravante o homem existe em mundo profano, e a profanação do mundo é a medida do progresso. Mas esta própria profanação é, num sentido curioso, uma aproximação de um deus, a saber do Deus do cristianismo. O Deus do cristianismo, por ser transcendente, é negativo, isto é: negação dos deuses. Mas é um Deus, no sentido de revelar um "Weltaspekt", em bora negativo. O mito fundante do Ocidente festeja a negatividade. Neste sentido, tem razão Nietzsche, quando fala em "nihilismo do Ocidente". O mesmo pode ser formulado da seguinte maneira: O mito fundante do Ocidente é o mito do progresso, no sentido de profanação paulatina do mundo. Resulta portanto em tempo linear, (em "historicidade"), em contraste com todos os demais mitos positivos, que resultam em circularidade do tempo. O Ocidente é um projeto linear que tem para uma realização na "plenitude do tempo". Essa plenitude é a eliminação dos últimos vestígios dos deuses.

O mito do progresso faz com que vivamos sempre para o instante seguinte. Nenhuma das nossas ações é significativa em si e por si, já que visa o futuro. Existimos em mundo de andaimes. Todo instante visa o próximo e é, neste sentido, significativo apenas como preparativo, já que não vivenciamos o instante como tal, não vivemos propriamente. É isto uma forma de loucura. Somos, como ocidentais, seres alienados, já que alienados da natureza e do instante. Este é o aspecto existencial da negatividade do projeto do qual participamos. Mas é assim que existimos. Somos lançados para cá por este projeto negativo, e não podemos escapar de suas grades. Existimos como cristãos, isto é como sujeitos de um mundo objetivo. Mas podemos, ao menos, contemplar outros projetos. Por exemplo: aqueles projetos que transparecem nas realizações dos gregos. São projetos que brotam de mitos amorosos. Neles o mundo é afirmado. Neles toda coisa revela, evoca e torna presente a totalidade. Como a mulher anã não se restringe a um objeto determinado, mas revela a sua presença na flor que apanhamos e no lenço com o qual nos acena, assim Helios não se restringe ao objeto "sol", mas é pervade com sua presença o universo. Nesse mundo amoroso não há conhecimento,

mas reconhecimento. Vicente Ferreira da Silva convida, um tanto desesperadamente, o nomeadamente reflexivo a contemplar esses mundos submersos. E neste convite há uma esperança, por certo muito vaga, de uma superação do projeto do Ocidente.